

O mal-estar muda como muda a civilização. Nossas maneiras de sofrer não são apenas reflexos e efeitos da cultura, mas formas de resistir e de responder ao que ela nos exige. O declínio da intimidade é, também, um convite para sua reinvenção. A obrigação de mantermos uma imagem de bem-estar e felicidade e a conectividade acelerada com as engenharias da aparência nos colocam fora de nós mesmos, tornando a intimidade uma experiência cada vez mais preciosa e rara. Este livro investiga como a dificuldade de criar experiências de compartilhamento de si com o outro está na gênese de nossas novas formas de sofrer.

Christian Dunker mobiliza sua experiência de três décadas de clínica e de reflexão para descrever um conjunto de sintomas ligados à dificuldade de estar com o outro. O sofrimento nos predispõe a dividir nossa intimidade e, por isso, ele é também parente do amor. Poderíamos ler os destinos do sofrimento como uma espécie de psicopatologia do dia a dia, feita de pequenas escolhas e de grandes conflitos.

Solidão ou solitude, luto ou melancolia, pânico ou ciúme, paixão, ressentimento ou depressão. Onde está a linha divisória que separa nossos afetos morais de nossas patologias sintomáticas? Onde está a fronteira de sofrimento que nos fará escolher aceitá-lo ou transformá-lo e, diante disso, transformar o mundo e a nós mesmos?

Em uma linguagem bem-humorada e acessível e abordando situações banais da vida – encontrar alguém para amar, dividir as contas domésticas, ter animais de estimação, suportar hipóteses de fidelidade ou de traição, criar filhos e se despedir de pais e de avós –, Dunker nos convida a repensar o

papel de nossas escolhas na partilha de afetos e nas experiências de reconhecimento necessárias para reinventar a intimidade em tempos de alienação e de sofrimento projetado no outro.

Os 49 ensaios breves deste livro são uma espécie de manual doméstico para a sobrevivência em tempos de subjetividade sombria, em que o outro torna-se cada vez mais perigoso. Eles podem ser lidos tanto como uma espiral que vai do privado ao público, quanto como uma lista de contextos nos quais a intimidade, seja pela sua falta, seja pelo seu excesso, precisa ser reinventada. Em uma sociedade digital, consumista e obcecada pela produtividade, as políticas de sofrimento não são apenas psicológicas, mas também sociais e econômicas. Por isso, boa clínica é também crítica social feita por outros meios.

Combinando erudição universitária com linguagem corrente, os textos de Dunker aqui compilados narram ainda a ascensão de um Brasil em estado de confrontação. Esquerdistas e neoliberais, mães neuróticas e amantes ciumentos, casamentos improváveis e separações infinitas geram mal-entendidos que nos fazem sofrer, e cada vez mais solitariamente. O poder emana de quem reconhece o nosso sofrimento e de quem esperamos legitimidade, atenção ou dignidade: padre, médico, policial, Estado, hospital ou universidade, psicanalista, amigos e amores.

As políticas do sofrimento cotidiano são jogos, em estrutura inconsciente, que determinam nossas escolhas tópicas, dinâmicas e econômicas de poder. Elas formam nosso nó imaginário, real e simbólico pelo qual não conseguimos nunca nos curar do Outro.

**REINVENÇÃO
DA INTIMIDADE
POLÍTICAS DO
SOFRIMENTO COTIDIANO
CHRISTIAN
DUNKER**

ubu

A BUSCA DA BICICLETA PERDIDA 7

INTRODUÇÃO 11

SOLIDÃO: MODO DE USAR

1. Solidão e solidude 19
2. Preciso de um tempo só para mim 38
3. A melancolia de Ozymandias 42
4. Começar e terminar 45
5. Sobre a morte e o morrer 48

AFETOS COMPARTILHADOS

6. A traição e seus horrores 57
7. O ciúme e as formas paranoicas do amor 62
8. A função transformativa do ódio 71
9. Conformações da intimidade 77
10. Desmascarar as imposturas do amor 87
11. O amor pelos animais e seus limites 93
12. A vergonha como denúncia da fantasia 95

JUNTOS E SEPARADOS

13. Fundamentalismo conjugal 102
14. O casamento como perversão consentida 107
15. O verdadeiro amor faz exceção à lei 109
16. O dinheiro do casal 112
17. A mulher telepata e o homem das cavernas 114

A CRIANÇA QUE NOS UNE E NOS SEPARA

18. A arte de imbecilizar crianças 117
19. Loucura materna 120
20. Oprimindo mulheres e desautorizando mães 122
21. O dever de afeto e o direito de verdade 129
22. A cor e a forma do cuidado 132
23. Síndrome da alienação parental 135
24. Intoxicação digital infantil 138

SOFRENDO DO OUTRO

25. A geografia imaginária da segregação real 148
26. Cercas, muros e silêncios 155
27. Paranoia sistêmica 158
28. Somos todos vândalos? 161
29. Cuidar ou controlar? 172
30. A felicidade como fator político 182
31. A alma revolucionária 186

SOFRENDO COM O OUTRO

32. O sofrimento entre a verdade e o real 195
33. A paixão prognóstica e a invenção de novos diagnósticos 203
34. A paixão diagnóstica 205
35. Neurose em estrutura de ficção 207
36. Depressão do urso polar 220
37. Perversão ordinária 229
38. Síndrome pós-natalina 236
39. Que fim levaram os maníacos? 239

PATOLOGIAS DO INDIVIDUALISMO À BRASILEIRA

40. Novas formas de sofrer no Brasil da retomada 242
41. O paradoxo moral do batalhador brasileiro 249
42. A cultura da indiferença 251
43. Crimes da palavra e cultura da denúncia 254
44. A querela do consumo 260
45. Solidariedade sem transcendência? 263
46. Narcisismo digital 265

POLÍTICAS DE TRATAMENTO

47. Doença mental na política 277
48. O neoliberalismo e seus normalopatas 284
49. Reinvenção da intimidade 293

ÍNDICE REMISSIVO 303

FONTES DOS TEXTOS 315

INTRODUÇÃO

Este livro segue a intuição antropológica e psicanalítica examinando como formas fundamentais de nossos sintomas relacionam-se com processos de individualização próprios da vida contemporânea, particularmente com uma das figuras mais ascendentes da individualização hoje: a experiência de sofrimento.

Sofrer é algo que depende essencialmente de três condições: a narrativa na qual está inserido; os atos de reconhecimento que fixam sua causa e a transitividade que o torna uma experiência coletiva e indeterminada. O transitivismo é um fenômeno típico da infância, relacionado ao complexo de intrusão, momento no qual a criança elabora a entrada de relações triádicas, particularmente com outras crianças da mesma idade. Nessa situação, frequentemente ela experimenta, por exemplo, se colocar como agente de uma ação na qual, na verdade, ela é paciente da ação do outro. Tipicamente, ela bate na outra criança e chora porque sente efetivamente que foi a outra criança que bateu nela. Ou então ela toma um brinquedo, mas sente e interpreta que foi a outra criança que tomou o brinquedo dela. Em adultos, a situação de transitivismo retorna, por exemplo, em desavenças e conflitos nos quais não se consegue dirimir quem está agindo, provocando ou causando um determinado estado de coisas e quem está reagindo, “devolvendo” ou respondendo ao ato iniciado pelo outro. Essa confusão entre quem age e quem sofre a ação aparece também em casos mais graves, notadamente em formações delirantes e alucinatórias nas quais um pensamento efetivamente experienciado pelo sujeito é sentido como causado ou imposto pelo Outro.

Essas três condições – narrativa, reconhecimento e transitivismo – combinam-se com uma hipótese: o so- 11

frimento requer e propaga uma política. Isso quer dizer que a forma como contamos, justificamos e partilhamos nosso sofrimento está sujeita a uma dinâmica de poder. O poder dos opressores, o poder das vítimas, o poder dos indiferentes e até mesmo o poder da indiferença ao poder. O poder gerado por quem pode reconhecer o sofrimento e de quem esperamos legitimidade, dignidade ou atenção, seja esse alguém o Estado ou o ordenamento jurídico e suas políticas públicas, sejam as imagens do médico, do padre, do doutor ou do policial, sejam ainda aqueles com quem compartilhamos a vida cotidiana e, mais ainda, aqueles a quem amamos.

A ex-sistência (existir fora de si) compreende uma parcela de sofrimento que não é eliminável. Nosso corpo se degrada, nossas leis são repetitivamente imperfeitas, a natureza nos impõe reveses de toda sorte. As três Parcas continuam a tecer e cortar impiedosamente nosso destino. A isso Freud chamou de mal-estar (*Unbehagen*) e Lacan, de Real. Contudo, nem tudo no mal-estar é aceitável e requer nossa resignação. Por isso, diante do sofrimento há sempre uma escolha a fazer, transformar o mundo ou transformar a nós mesmos. Essa transformação depende, portanto, de como reconhecemos o sofrimento que nos acomete. Frequentemente nos recusamos a admitir, e até mesmo a perceber, que estamos sofrendo. Algumas vezes isso se apoia na interpretação de que sofrer e, principalmente, coletivizar ou externalizar essa experiência é uma fraqueza moral. Há, portanto, uma micropolítica envolvida no reconhecimento: culpa, responsabilidade ou implicação acerca das causas, das razões e dos motivos do sofrimento. Aqui acontece também uma espécie de conflito ou de concorrência entre as narrativas que sancionam ou

12 derrogam, visibilizam ou invisibilizam o sofrimento. In-

dividualizar ou coletivizar, culpar ou responsabilizar, incluir ou excluir, construir ou desconstruir afetos correspondentes a tais narrativas, tudo isso faz parte das políticas do sofrimento cotidiano. Compartilhar nosso sofrimento tornou-se uma tarefa ainda mais complexa depois do neologismo proposto por Lacan: extimidade. Encontrar a intimidade fora e o estranhamento dentro, sem que eles sejam equivalentes. Em vez de uma política *sem partido*, seria melhor falar aqui, com Cazuzu, em uma política do *coração partido*.

Déficits e excessos de individualização revelam-se na própria experiência de sofrimento e na forma de fugir e negá-la. Isso aparece, por exemplo, na tendência à hipersocialização, a disposição a ficar permanentemente ligado, ocupado ou disponível, como na impotência para constituir situações e percursos de real solidão ou intimidade. Como toda política, ela faz um corpo, ela cria unidades de discurso, ela define um coletivo identificado por um mesmo traço ou uma mesma suposição de desejo ou de demanda.

Cada experiência de sofrimento é uma história que se transforma na medida em que é contada. Uma história ruim pede uma pior; a luta feroz por qualificar seu sofrimento como legítimo tornou-se uma das gramáticas morais mais importantes de nossa época. Sofrer com o outro ou sofrer do outro são os dois polos dessa gramática contagiosa. O sofrimento solitário e o sofrimento coletivo chocam-se nesse ponto, em que a escrita de uma história transforma o seu autor. A situação em que se está *lonely*, em inglês, ou *allein*, em alemão, é diferente da situação em que se está consigo mesmo, *selbständig*, ou se está *só*, *einsam*. O sofrimento que se sofre sozinho às vezes se transforma em outra coisa quando narrado. Há no alemão e no inglês uma expressão para

13

essa diferença entre solidão e solitude, que se apresenta no verso de Alexander Pope, em “Ode à solidão”:

Deixe-me viver, sem ser visto, desconhecido
Deixe-me morrer sem lamento;
Roubado do mundo, sem uma pedra
A dizer onde estou.¹

Se o amor é este pequeno estado de loucura provisória, ele inclui tanto as pequenas comédias de erros quanto as grandes tragédias que compõem a psicopatologia da vida cotidiana. A *Psicopathologie des Jedestag* ou *Psicopatologia da vida cotidiana*, segundo livro homônimo de Freud, pode ser lida como patologia social de nossa experiência cotidiana, experimentada como pobre, tediosa, acelerada, demasiadamente previsível ou imprevisível. Mas a expressão também pode nos remeter a uma psicopatologia *a partir da* vida cotidiana, ou seja, como a vida cotidiana pode nos fazer sofrer, produzindo estados aflitivos ou conflitivos continuados, que terminam por formar sintomas.

Pensar nossa individualização a partir da forma como estruturamos o sofrimento na linguagem é um capítulo decisivo de nossa política de subjetivação. A maneira como interpretamos ou codificamos, nomeamos ou metaforizamos, descrevemos ou narramos nossa experiência de sofrimento transforma sua natureza, extensão e intensidade. Tal política pode se centrar sobre o que há de *ipseidade* (somos únicos em nosso sofrer), de *mesmidade* (somos como outros em nosso sofrimento) ou de nossa *identidade* (so-

14
mos como nós mesmos e nos desco-

¹ “Thus let me live, unseen, unknown;/Thus unlamented let me dye;/ Steal from the world, and not a stone/Tell where I lye.” Alexander Pope, *Ode on Solitude* [1700]. Tradução do autor.

nos reencontramos como outros nós mesmos ao sofrer). Poderíamos falar ainda nessa estranha condição contemporânea pela qual tornamos nosso sofrimento uma propriedade, capitalizando-a discursivamente ao produzir o que Lacan chamou de um a mais de gozo. Tal propriedade do sofrimento aparece também nas duas cartas de Rimbaud nas quais ele afirma que *o eu é um outro*:

Eu é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente!

[Carta a Georges Izambard]

Pois EU é um outro. Se o cobre desperta clarim, não é por sua culpa. Isso me é evidente: assisto à eclosão de meu pensamento; contemplo-o; escuto-o; faço um movimento com o arco: a sinfonia faz seu movimento no abismo, ou de um salto surge na cena.

[Carta a Paul Demeny]²

Percebe-se que o *sofrimento do eu é o sofrimento do outro* em vários sentidos, cada qual com sua política, cada qual com sua lógica própria de reconhecimento. Entre a madeira e o violino, ou entre o cobre e o clarim, há uma continuidade da *mesma* matéria e uma diferença de forma. A madeira que infortunadamente *se descobre violino* indica a possibilidade de sofrermos com mudanças de forma. Entre os que discutem sobre o que ignoram, há uma referência ao sofrimento como alienação e desconhecimento, não só de si, mas na relação com o outro com quem discutem. Finalmente, 15

² Tradução Marcelo Jacques de Moraes [UFRJ]. *Alea*, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro, jan./jun. 2006.

na imagem da sinfonia e do salto no abismo há o sofrimento com a vertigem do futuro, o vir-a-ser, *único* e singular, ainda que incerto ou indeterminado.

Os textos aqui reunidos cobrem 26 anos de intervenções e reflexões práticas sobre este nosso ganha-pão como psicanalistas: o sofrimento. A forma desses escritos, alguns deles curtos, não responde apenas à agregação de colunas, entrevistas e artigos, mas ela tenta preservar no ensaio a matéria-prima do cotidiano, feito de unidades descontínuas ainda que em estrutura de repetição. Uma vida compreende hiatos e parênteses, retomadas e reticências, acelerações e descompressões, líquidos e sólidos, oposições que mobilizamos para caracterizar o sofrimento neste início de século XXI. Por isso, em vez de disciplinas enciclopédicas e princípios gerais de cura, o leitor encontrará aqui casos, situações ou regularidades clínicas que reconstituem o caleidoscópio incerto que é o problema deste livro.

“Sofrer juntos” ou “sofrer separados” formam assim as bases de nosso problema, que é saber como formamos conjuntos e séries de conjuntos neste espaço que chamamos de cotidiano. Entender processos de individualização como formações históricas implica políticas de reconhecimento ou de denegação de reconhecimento. Determinar os limites entre a experiência produtiva e a experiência improdutiva de sofrimento, no curso desta gramática de contrários, requer a apreciação das transformações pelas quais o Brasil passou em seus últimos vinte anos, particularmente no que concerne a seus modos de subjetivação e de individualização, uma vez que o sofrimento parece ser co-variante de seus afetos hegemônicos.

Nesse sentido, a política discursiva e institucional afeta nossas formas de sofrer, por exemplo, regulando a rela-

16 ção entre lei e sofrimento. Por outro lado, a experiência

de sofrimento é muito mais extensa do que as formas sociais de seu reconhecimento; por isso são criadas novas demandas de reconhecimento, praticando assim uma forma de política. Isso acontece tanto porque nós aprendemos a sofrer, quanto porque o sofrimento não é indiferente ao poder: seja ele pensado como impotência melancólica, seja como impossibilidade representada pelo incurável da experiência humana.

Solidão: modo de usar

1 **SOLIDÃO E SOLITUDE: A DIMENSÃO TRÁGICA DO SOFRIMENTO**
Muitas tragédias contemporâneas se assemelham ao que aconteceu no bairro carioca de Realengo em 7 de abril de 2011, quando doze crianças foram mortas dentro da Escola Municipal Tasso da Silveira por um ex-aluno que se sentia rejeitado pelos antigos colegas e professores. Um homem

que vivia isolado e retornou para se vingar dos colegas e da escola que o teria repudiado e depois para se suicidar. Posteriormente, vários serviços de saúde receberam denúncias contra solitários contumazes. A razão diagnóstica adora devorar tragédias.

Entendo que as tragédias nos convidam a reconhecer algo que está suprimido em uma determinada configuração social. Não são, portanto, espécies que se incluem em classes pré-constituídas, mas desafios para nossa imaginação política e psicológica.

Georg Lukács, em seu clássico *A teoria do romance*, mostrou que o herói moderno situa-se necessariamente entre o crime e a loucura, pois essas são as duas formas fundamentais de desterro. O herói é alguém que vive radicalmente a distância com relação a si e ao outro, seja como tensão entre o ser e o dever ser, seja como cisão interna, seja como oposição entre vida real e ideal. Lembremos que Dom Quixote, Hamlet, Don Juan ou Fausto são figuras do desterro e do autoexílio, personagens que escolhem não ter lugar. Daí que a solidão seja o sentimento essencial da tragédia, assim como o isolamento seria a experiência central da epopeia e a confiança, o tema-chave do romance.

A conclusão cristalina vale tanto para a literatura quanto para a psicanálise: sem a experiência da própria solidão, a vida nos parecerá postiça, artificial ou vulgar. A verdadeira e produtiva viagem solitária pode ser feita a dois, em grupo e até mesmo em meio à dissolução do indivíduo na massa, mas o pior mesmo é quando tentamos evitá-la. A solidão é uma das faces do que

os psicanalistas chamam de separação ou de castração. Nela, o objeto com o qual nos identificamos para cobrir nossa falta e nossa falta no Outro é finalmente deslocado de sua função encobridora. Experiência simbólica por excelência, ela traz consigo não apenas a separação para com os outros, mas a distância e o estranhamento com relação a si mesmo. Solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidez do ser.

Ocorre que há certas situações de exclusão social, preconceito, segregação e supressão da diferença que promovem uma espécie de falsa solidão. Elas parecem dar corpo imaginário ao fracasso de estar com o outro. Assim, a solidão é substituída por outra coisa: indiferença, vazio ocupacional ou ressentimento. Por meio desses subterfúgios, nunca estamos sozinhos. O prejuízo psíquico causado pela impossibilidade de estar sozinho é incalculável. Interpretamos a ausência do outro como recusa de reconhecimento, reduzimos a experiência produtiva de solidão ao desamor, abandono ou devastação. Instilamos a luta imaginária para provar quem precisa menos do outro.

É por ser a solidão tão rara e tão difícil de construir que surgem tais patologias, maneiras de se defender, de mimetizar ou de exagerar um processo benéfico a ponto de sua finalidade tornar-se irreconhecível ao próprio sujeito. Tipicamente isso se expressa em sentimentos aparentados da solidão: o vazio, a irrelevância, a inadequação e a menos-valia. O que vem depois de uma maratona social de consumo, do início de férias, da insônia crônica, do final de namoro que não termina nunca: a recusa do fato trágico da solidão. Os protagonistas dos grandes romances do século XIX tinham na ironia um recurso formal para retratar o trabalho da solidão, uma forma de tornar produtiva a experiência de desencontro com si mesmo. É o caso de

20 personagens machadianos como Brás Cubas ou Bentinho.

Nada menos trágico do que aquele que se leva a sério demais em sua própria falsa solidão. Por isso, antes de suspeitar da normalidade do vizinho solitário, vejamos se ele não está a nos fazer lembrar nossa própria solidão maltratada.

Se entendermos que os transtornos psicológicos definem-se pela introdução de uma coerção ou de uma restrição na vida relacional das pessoas, é coerente pensar que o sofrimento frequentemente trará efeitos de isolamento, afastamento ou ruptura das relações. Ocorre que esse movimento, que pode ser uma reação útil e desejável em uma série de circunstâncias geralmente penosas, torna-se ele mesmo uma fonte de outros problemas derivados da privação de experiências compartilhadas com outros. A solidão e o esvaziamento, ao lado do tédio e da apatia, foram os primeiros diagnósticos de época entabulados por Hegel, ainda no século XIX. Em outras palavras, o isolamento, a introversão ou a introspecção são respostas subjetivas que nem sempre são uma opção ou se iniciam como uma “escolha livre”, mas que gradualmente podem assumir o feitiço de um processo incontrolável, no interior do qual isolamento gera mais isolamento. A difícil manobra psíquica da separação pode se transformar dessa maneira em algo que aparenta ser uma separação, mas efetivamente não é. Como ocorre com o sujeito isolado, mas que na verdade está profundamente oprimido por falas, presenças e experiências das quais ele não consegue se separar subjetivamente. É o caso, por exemplo, do ressentimento. O ressentido pode estar sozinho e isolado; geralmente ele procura isso, mas não está de fato só e separado. Na verdade, ele não consegue se desligar de certos sentimentos anteriores e passa então a senti-los na solidão de seu quarto ou na antessala do sono.

Poderia-se pensar então que a boa solidão é a solidão escolhida, intencional e deliberada. Essa ideia da *opção* pelo

21

isolamento é bastante traiçoeira, porque ela assume que certos *jeitos de ser* ou *estilos de vida* são aplicações livres que alguém realiza sobre a matéria-prima indefinidamente elástica e sem forma chamada *vida*. Também não gosto muito da palavra *transtorno*, apesar de ser o arremedo mais usual para não falar em doença, pois transtorno é a tradução do inglês *disorder*, ou seja, desordem. Como nossa cultura não é assim tão fanática pela “ordem”, a ponto de achar que ela exprime a essência e a natureza última da normalidade, optamos por “transtorno”. Mas transtorno sugere algo como uma pedra no meio do caminho, que a gente remove como um obstáculo contingente. A solidão torna-se um transtorno quando assume a dimensão de um *tem que* ou de um *não pode com*.

O sujeito que está solitário, mas “pode” perfeitamente ir a uma festa, frequentar a escola ou ver os amigos, está aquém da linha. Aquele que apenas “acha que pode”, mas quando exposto a uma prova direta recorre ao autoenganoso *Mas quando eu quiser eu consigo*, irmão do similar alcoolista *Quando eu quiser eu paro*, deve se preocupar. Estão aqui todas as depressões, as distímias, as obsessões e as estratégias de dizer não para o Outro. Muitas pessoas acabam desistindo de amigos que se isolam, pois acreditam na declaração nominal de que “ele não quer”, então o que vamos fazer, senão respeitar a “opção”. A coisa não é bem assim, já dizia Kant, pois até que ponto o sujeito é livre para querer ser livre? Até que ponto a vontade é livre para ter vontade de vontade?

O segundo critério diagnóstico é a coerção, mas esse é mais fácil de ser identificado. Trata-se daquela pessoa que diz direta ou indiretamente que ela *tem que ficar sozinha*, e aí entra a segunda parte da frase, *tem que... senão*. Nesse *senão* estão incluídas as fobias sociais, as agorafobias, os transtornos do pânico, as

22 personalidades esquivas, ou seja, todas aquelas situações

nas quais a rua ou o Outro inspiram medo ou angústia insuperáveis. Assim, fico sozinho porque estou seguro e distante daquilo que é conflitivo ou ameaçador. Nesse caso, o sujeito não está dizendo algo como *Não preciso de você* ou *Você me abandonou, por isso eu te abandono também*. Aqui a gramática do sofrimento está baseada em *Não consigo estar diante do olhar do Outro que me critica, mas em relação ao qual eu desejo estar incluído*.

O caso extremo do primeiro tipo é o sujeito que se retira do mundo para remoer sua raiva até o momento que sai de lá para se vingar. O caso paradigmático do segundo tipo é o sujeito que não consegue estar com o Outro porque este é muito e intrinsecamente ameaçador, como no autismo e na Síndrome de Asperger. Haveria, é claro, formas combinadas, como aquelas que se retiram traumáticamente do mundo, a exemplo do personagem do filme argentino *Medianeras: Buenos Aires da era do amor virtual* [Gustavo Taretto, 2011]. Nesse caso, trata-se simultaneamente de dizer não ao mundo e de dizer não para si mesmo.

Chegamos então ao que se pode chamar de *solidude*, a solidão boa e necessária, cuja impossibilidade anuncia o patológico. A solidão desse tipo e nessa qualidade intensifica certas experiências perceptivas e imaginativas. Ela é condição para o reconhecimento de grandes questões. Com o outro, nosso próximo e vizinho, frequentemente nos esquecemos de nós mesmos, o que reaparece nas experiências de angústia, separação e luto. Muitas separações objetivas mostram-se retrospectivamente apenas uma ação para reintroduzir parênteses de solidão em uma vida poluída por ocupações e tormentos. Quando a criança descobre a possibilidade de ficar sozinha, toda sua relação com o Outro se modifica. Ela aprende que sua presença é contingente e não necessária e, portanto, que ela pode querer e ser querida. Essa separação é fundamental para a constituição de nossa 23

capacidade de amar e a inclusão da contingência que lhe é necessária. É impossível criar sem amor e angústia, e essas duas experiências dependem da capacidade de estar só. Não se trata apenas de quietude, isolamento e esvaziamento, mas de um conjunto de sentimentos altamente necessários para a saúde mental, sumariamente: estranhar a si mesmo, espantar-se com o mundo, perceber-se contraditório, fragmentado, múltiplo, diferente de si mesmo, frágil, vulnerável, capaz de sobreviver e de “suportar-se”. Durante boa parte de nossa história cultivamos a solidão como experiência enriquecedora:

- a) Na filosofia: a meditação grega (premeditação dos males), o retiro monástico, a meditação investigativa (como em Descartes), a introspecção psicológica.
- b) Na arquitetura: os inúmeros dispositivos para favorecer o cultivo da solidão, como os jardins ingleses (feitos em forma de labirinto para que a pessoa possa se perder e, portanto, se reencontrar), os claustros, os átrios, as criptas, os escuros do barroco.
- c) Na pintura: o tema da paisagem e seu correlato, o retrato.
- d) Na poesia: o tema da saudade, do desterro, da perda e do amor inconcluído.
- e) Na literatura: quase todos nossos heróis são solitários (de forma voluntária ou involuntária), Dom Quixote, Hamlet, Don Juan, Robinson Crusoe, Fausto, o *flâneur* de Baudelaire, nosso Brás Cubas e assim por diante.

A ligação entre ideias obsessivas e compulsões com uma estratégia subjetiva baseada no isolamento já havia sido descrita por Freud. Talvez não seja um acaso que as primeiras ocorrências históricas da palavra *obsessão* liguem-se ao período de

emergência do cristianismo como prática de auto-observação e controle de si. É preciso ver como a classificação, a escrupulosidade e o gosto pela ordem e pela discriminação são atitudes subjetivas que nos permitem reduzir o desprazer e enfrentar conflitos. Todos nós temos que *separar as coisas*, seja entre o que acontece em casa e o que acontece no trabalho, o que acontece entre amigos e o que acontece entre namorados, seja nossa vida pública e nossa vida privada, seja ainda separações que impomos a nós mesmos, como a vida adulta e a infância, o passado e o presente, o conjunto de relações que tivemos com uma pessoa do conjunto de relações que teremos com outra pessoa (que por vezes virá a ocupar função ou posição similar diante de nós). Ora, uma vida sem a clareza de que *uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa* seria uma vida insuportável.

Ocorre que essa defesa subjetiva normalmente se apoia em estratégias de objetivação, que concorrem para produzir uma forma de vida na qual as “separações externas” são uma espécie de garantia e de confirmação para “separações internas”. O Japão e, especialmente, a vida nas grandes cidades japonesas são um exemplo maior da combinação de forças que geram o isolamento. Uma cultura na qual tradicionalmente o valor do grupo de origem ou da comunidade de trabalho é fundamental, onde a vergonha de se mostrar abaixo das expectativas desse grupo supera a culpa por decepcionar a realização do próprio desejo, vai oferecer poucas alternativas para as formas de vida que se separam desse ideal comunitário. O isolamento que se sucede entre adolescentes costuma ser uma espécie de consagração da já superindividualizada vida social. Lembro ainda: não é porque “grupo” é o valor de referência que os indivíduos não sejam, eles mesmos, isolados dentro desse grupo. Basta que apareçam certas experiências que o grupo não reconhece como suas. Assim, aquilo que

COLEÇÃO EXIT Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são

COORDENAÇÃO convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o **FLORENCIA FERRARI** objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje. **MILTON OHATA**

LEIA TAMBÉM: 24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono

© Ubu Editora, 2017

© Christian Dunker, 2017

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Assistente editorial JULIA FAGÁ e MARIANA SCHILLER

Preparação LIVIA ALMEIDA

Revisão MARIANA DELFINI e RITA DE CÁSSIA SAM

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica ALINE VALLI

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dunker, Christian [1966-]

Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano

São Paulo: Ubu Editora, 2017

320 pp.

ISBN 978 85 92886 46 2

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Cotidiano. I. Título.

2017-238

CDD 150 / CDU 159.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150 2. Psicologia 159.9

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br